

Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Instituto di Psicossíntesi, Florença, 1963. Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, abr/2017.

Aula 10.1963.

A TRANSFORMAÇÃO E SUBLIMAÇÃO DAS ENERGIAS PSÍQUICAS

Dr. Roberto Assagioli

O tema do qual falarei hoje é um dos mais importantes, dada a utilidade, pode-se dizer, aliás, a necessidade urgente da sua aplicação prática individual e coletiva, e também dada sua importância para a evolução psico-espiritual do homem. Trata-se da descoberta e do uso das energias psíquicas e espirituais, da sua transmutação e sublimação.

O que o homem fez e está fazendo em relação às energias naturais, às forças do mundo material, oferece analogias sugestivas. Até um tempo bastante recente, o homem sabia utilizar bem pouco as poderosas energias físicas que conhecia, como a da água e a do sol, e até mesmo ignorava a existência de outras forças ainda mais formidáveis, como a eletricidade e a energia intra-atômica. Assim, ele deixava dispersar a maior parte da enorme soma de energia gerada pela descida das águas ao longo de mil rios das montanhas aos mares; conseqüentemente, sofrendo os danos das inundações periódicas. Somente, pouco a pouco, providenciou a canalização da água para irrigar o solo e só recentemente soube transformar a força da água em energia elétrica. Ele ainda não sabe como desfrutar do calor contido nas profundezas da terra, das forças subterrâneas que produzem as erupções vulcânicas.

Por outro lado, o homem civilizado viveu por séculos em habitações e coberto por vestes que impediam os raios solares de vivificar e recuperar seu corpo e, somente, há pouco começou a utilizar e, ainda em escassa medida, a ilimitada soma de energia que o sol irradia sobre a terra. A descoberta e os mil usos da eletricidade deram ao homem possibilidades admiráveis e insuspeitadas e, são ainda maiores, as possibilidades da energia intra-atômica, que ele mal começa saber liberar e utilizar.

Pois bem, o mesmo pode-se dizer das energias biológicas, psíquicas e espirituais existentes no homem e também fora dele. Ele deixa dispersar ou, sem dúvida, ignora a existência ou faz mau uso das energias internas e suprafísicas.

O homem é consciente das intensas energias instintivas que são prementes nele, mas, muitas vezes, não sabe dominá-las e menos ainda como transformá-las e fazer bom uso delas. Isto acontece, principalmente, com as fundamentais energias sexuais e combativas.

Existe nos homens e nas mulheres, enorme soma de energia emocional e afetiva pelas quais são muitas vezes dominados e arrebatados, enquanto poderiam dirigir a objetivos benéficos e atividades criativas. Por exemplo, a imensa soma de devoção e admiração às “celebridades” do cinema ou aos jogadores de futebol. Começa-se mal a descobrir ou a redescobrir a potência que têm a imaginação e o pensamento quando estão concentrados e dirigidos. E, estamos ainda, pode-se dizer, na idade da pedra em relação à consciência e ao uso científico das energias parapsicológicas e espirituais mais elevadas.

Para um tratamento, em alguma medida, adequado deste tema, não bastaria nem mesmo um curso. Trata-se de toda uma nova ciência: psicodinâmica, a ciência do conhecimento do uso das energias psíquicas.

Hoje devo limitar-me a apontar somente a algum principio geral desta ciência e a uma das suas aplicações, porque agora é uma das mais necessárias e urgentes: a transformação e a sublimação das energias combativas. Ela é também uma das mais simples, das mais fáceis de compreender, senão de realizar. Está disponível a todos e pode ser aplicada praticamente a todo instante da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, pode contribuir eficazmente para afastar os atuais perigos dos desastrosos conflitos coletivos.

Retornemos às analogias físicas. Começemos com o recordar que nos campos da química, física e biologia. As energias transformam-se continuamente umas nas outras. Isto acontece espontaneamente seja por obra das leis da natureza, seja seguida pela intervenção ativa do homem. As combinações químicas entre os corpos produzem outros corpos que, podem ser totalmente diferentes em relação aos seus componentes e que determinam frequentemente a liberação de calor e energia. Há em seguida o interessante processo químico chamado “sublimação” que consiste na

passagem de um corpo do estado sólido ao estado gasoso e à sucessiva cristalização, deixando no fundo do recipiente os expurgos e as impurezas.

No campo da técnica o homem vai desfrutando sempre mais as inumeráveis possibilidades de transformação das energias naturais. Para limitar-me aos exemplos mais simples, ele transforma o calor em movimento (locomotiva à vapor) e em eletricidade (máquinas termoelétricas) e eletricidade em calor (estufas e fogões elétricos) e em movimento (os motores).

Pois bem, no homem acontece continuamente transferências, transformações, sublimações de energias biológicas, psíquicas e espirituais, muito semelhantes às das forças físico-químicas. Estes processos energéticos desenvolvem-se em geral espontaneamente, regulados por leis correspondentes, mas exatamente baseadas no conhecimento de que estas leis podem ser provocadas, dirigidas, utilizadas mediante métodos apropriados.

As transformações e sublimações psico-espirituais eram conhecidas no passado, principalmente no Oriente e fazem parte de diversos métodos de Yoga, de desenvolvimento e regeneração psicofísica e espiritual. Havia, na Idade Média, alquimistas (pelo menos uma parte deles) que sob o véu de uma terminologia aparentemente química, descreveram processos de transmutação psicológica. Eles foram intensamente interpretados por Jung e alguns de seus alunos.

Na psicologia moderna, as transformações psíquicas foram “redescobertas” e amplamente estudadas pela psicanálise, principalmente em relação às energias sexuais e afetivas. Outras notáveis contribuições foram atribuídas a Janet, Carpenter, Jung. Na Itália, temos uma exposição crítica clara e equilibrada sobre sublimação em um capítulo do livro de Sante de Sanctis, *A Conversão Religiosa*.

Em relação às aplicações do tema que escolhemos, ao instinto combativo, citarei antes de tudo uma afirmação significativa do grande estudioso da adolescência, o americano Stanley Hall. Diz ele: “Trata-se de um instinto (instinto combativo) que não podemos erradicar nem suprimir, a única esperança que podemos ter é sublimá-lo”.

Um tratamento bastante amplo, principalmente relacionado às aplicações educacionais, é constituído pelo livro *O Instinto Combativo*, do pedagogo suíço, Pierre Bovet. Alfred Adler, psicanalista dissidente, deu grande importância à tendência à

autoafirmação, tanto que baseou a maior parte de seu método de psicoterapia nesse tratamento.

Examinemos brevemente as várias formas de transmutação e de sublimação. A primeira que é só transmutação é a derivação ou canalização “horizontal”. Consiste em dirigir e utilizar as energias combativas a objetivos inócuos ou úteis mediante uma atividade física no mundo externo. Qualquer exercício muscular pode realizar esta tarefa, do trabalho manual a toda forma de esporte. Em uma biografia do ex-imperador Guilherme II é dito que, quando, depois da primeira guerra mundial, ele vivia recluso em um castelo na Holanda, sua ocupação preferida era rachar lenha. Evidentemente, naquela atividade grosseira e violenta ele descarregava a ira e a agressividade que ele não podia mais manifestar como antes.

O esporte oferece numerosos e variados modos de emprego das energias combativas. No alpinismo, no qual o homem, por si ou em pequenos grupos, luta contra as dificuldades naturais e vence outras tendências instintivas em si mesmo, ou seja, a preguiça e o medo; nas competições bem reguladas de caráter coletivo, como as Olimpíadas. Assim como todas as lutas contra os obstáculos, as forças, as insídias colocadas pela natureza a quem tenta dominar e desfrutá-la: as explorações, as benfeitorias das selvas e dos pântanos insalubres, a luta contra a força da gravidade (a aviação) e etc. Tudo isto é obvio e não requer comentários.

Outro modo de transmutar é a satisfação imaginativa. A esta estão propensos os introvertidos para os quais a vida imaginativa é mais intensa e parece mais real em relação à vida externa. Trata-se, porém, de uma satisfação que muitas vezes é incompleta e que pode apresentar inconvenientes; ela pode ser também perigosa e ter efeitos absolutamente opostos. Consideremos o caso de um homem que sofra repentinamente uma injustiça, uma ofensa e que sinta ressentimento contra quem a causou. Mas esta pessoa é mais forte que ele, social ou fisicamente e, contra essa pessoa, não pode usar suas energias combativas: ele pode dar a si mesmo uma satisfação imaginativa, por exemplo, “tratando-o mal” dentro de si ou escrevendo-lhe uma carta desagradável na qual diz tudo que sente dentro dele, sem expedi-la. Imaginar cenas de revanche na qual o humilha, na qual se encontra em posição superior. Ora para os tipos bastante introvertidos isto é suficiente e muitas vezes satisfatório, justamente porque eles vivem mais no mundo interno – as relações externas não são mais que oportunidades, pretextos para sua vida interna. Mas se um

extrovertido fazer a mesma coisa é perigoso, uma vez que, dado o poder motor das imagens a ideia de agredir ou de maltratar este adversário pode acentuar o impulso à ação externa. É certo que muitos delitos foram o resultado de toda uma preparação imaginativa, por muito tempo, da pessoa que odiava que tinha ressentimento em relação à outra – começava a imaginar que agredia a outra e à força de imaginá-lo, tornava-se um impulso agressivo e o executava. Por isso, que a satisfação imaginativa é um método a ser usado com muita cautela e com muito autodomínio. Seja como for, não há completamente sublimação nisso, não há passagem interna da hostilidade, é simplesmente “*faute de mieux*”, um substituto que é um mal menor que a ação externa.

Um terceiro modo é a “*satisfação vicariante*” por substituição ou identificação. Nos melhores casos, produz a catarse ou purificação das paixões – indicada já por Aristóteles – que se produz nos espectadores dos dramas e das tragédias. Este é um método cômodo porque propicia a descarga e a conseqüente satisfação, sem as fadigas e os perigos da ação. Por isso, ele é praticado pelas massas humanas, como é demonstrado pela crescente difusão em toda parte do “fanatismo” pelo futebol e outros esportes. O espectador participa emocionalmente e, algumas vezes, também com a atitude física, à luta pelo seu time, portanto, tem uma descarga da energia combativa. Também esta pode ter efeitos contrários. A participação emocional pode transformar-se em ação violenta (lançamento de objetos, invasão do campo, agressão ao árbitro). Também uma ampla categoria de filmes, romances, narrações de tipo violento – muitos “policiais”, por exemplo – prestam-se a tal satisfação substituta e é também uma das razões principais do seu sucesso. O espectador ou o leitor identificam-se com os personagens violentos e temporariamente descarregam assim as próprias tendências aventureiras. Mas, também aqui, os efeitos podem ser diferentes sobre vários tipos de pessoas; alguns retornam reconciliados à monotonia da vida cotidiana; outros ao contrário, principalmente os jovens que são geralmente extrovertidos e irreflexivos, são incitados a imitar ativamente as ações violentas representadas ou descritas.

O quarto método é a elevação de nível e o aperfeiçoamento dos meios de luta. Aqui pode ser sublimação, mas não sempre. A explicação da combatividade pode acontecer no nível emocional e mental. A forma mais direta de luta neste campo é a discussão, seja individual, seja coletiva, nos conselhos, assembleias, parlamentos. Formas indiretas são aquelas que acontecem longe da presença do adversário; uma

delas é a sátira – como disse um poeta satírico latino “*Facit indignatio versus*” (a indignação transforma-se em poesia, em versos). Expressões não elevadas, mas que dentro de certos limites constituem-se em úteis “válvulas de escape” são as piadas, os jornais humorísticos, as revistas cômicas. (Todos recordarão a pequena satisfação que davam as piadas antifascistas durante o período fascista na Itália). Existem certos jogos nos quais a competição tem caráter estritamente mental, por exemplo, o xadrez.

Uma forma de combatividade não física que pela sua difusão universal e suas consequências merece um aceno menos fugaz, é o *criticismo*. É um aspecto do espírito combativo que pode parecer mais ou menos inócuo, mas, ao contrário, tem efeitos muito nocivos. É a tendência geral, direi quase a mania, de julgar, censurar e condenar os outros. Por que é assim difusa e assim forte? Por que tantas pessoas, embora dotadas de outros aspectos de boas qualidades morais, dedicam-se com ardor, quase com entusiasmo, a criticar os outros e provam ao fazê-lo uma volúpia, a qual transparece em todo o seu ser, da inflexão da voz à animação dos gestos, ao brilho dos olhos? Uma análise psicológica pode nos dar facilmente razão; de fato podemos constatar que muitos instintos e tendências fundamentais do homem encontram no criticismo uma grande satisfação. Em primeiro lugar, o criticar satisfaz a nossa tendência de autoafirmação; o colocar em relevo as deficiências e as fraquezas dos outros, nos dá um prazeroso senso de superioridade, desperta agradavelmente a nossa vaidade e a nossa presunção. Em segundo lugar, dá vazão às nossas energias combativas, vazão que enquanto dá todas as satisfações de uma vitória fácil, sem nos expor a perigos, pelo menos imediatos – uma vez que o “inimigo” está ausente – nos parece inócuo, aliás, por vezes obrigatório e evita assim um freio e censura interna, enganando a nossa consciência moral. Acrescenta-se que muitas pessoas, que devem suportar sem reagir às imposições dos outros, que devem sofrer situações e condições ingratas, mas contra as quais não podem se rebelar, o criticismo constitui o único ou o principal modo, no qual pode dar vazão à sua hostilidade, aos seus ressentimentos reprimidos, a única válvula de segurança para diminuir a sua tensão interna.

É importante explicar este fato porque o criticismo se encontra ainda mais desenvolvido no sexo feminino que no masculino (a constatação não é minha, faço apenas referência e “mensageiro não leva punição!”). Mas acrescento imediatamente que o homem tem outros e piores modos para explicar suas tendências combativas e

faz grande uso; portanto, não tem nenhuma superioridade, bem diferente: a guerra é pior que o criticismo.

Enfim, o criticismo, curioso dizer, satisfaz também, mesmo que de modo parcial e imperfeito, a própria comunhão com outros. Este aparente paradoxo não deve surpreender muito: não é difícil observar que aquilo que mais facilmente reúne as pessoas, os agrupamentos humanos (partidos, nações, e etc.) é um real ou suposto inimigo comum. Não espanta, portanto que, os homens providenciem com facilidade o prazer da harmonização e do acordo como o falar mal dos outros. Naturalmente, em tais casos não se trata de verdadeiras uniões, são associações ilusórias e superficiais, porque são baseadas na separatividade e não na unidade – assim comumente aquela ligação negativa se desfaz bastante cedo e os ex-aliados tornam-se facilmente estranhos e também hostis uns com os outros. Também no campo do criticismo, não raro, acontece que Tizio e Caio falem mal de Sempronio, e pouco depois Tizio e Sempronio critiquem Caio, o que não exclui que Caio e Sempronio, ao se encontrarem, falem mal de Tizio. Este comportamento psicológico do crítico sistemático, com toda sua ridícula presunção, é caracterizado por uma frase de uma perspicaz anedota inglesa: dois velhos escoceses fazem com gentileza a inspeção das loucuras dos seus conhecidos; quando cumpriram esta não breve revista um dos dois observa concluindo: “Enfim, meu amigo, pode-se mesmo dizer que todos os homens são loucos exceto eu e você – porém também você tem um pouco de louco, tem sim”.

As razões que apontamos servem para explicar a grande difusão do criticismo, mas certamente, não vale para justificá-lo. Não é inteiramente verdade que seja inócuo e que, portanto possamos permiti-lo livremente como um agradável esporte intelectual e como uma descarga das nossas energias combativas. Se nos dermos conta dos verdadeiros efeitos que originam das críticas e insinuações feitas de modo leve e irrefletido, se pudéssemos enxergar as feridas dolorosas, as profundas amarguras, os desalentos, os rancores, as reações de violência que suscitam aquelas expressões, difusas e frequentemente ampliadas e exploradas pela malignidade dos outros, teríamos um verdadeiro sentimento de horror. E se, por outro lado, compreendêssemos como a atitude do criticar tende a esterilizar-nos, amargar-nos, embotar os nossos mais vivos e maiores sentimentos, veremos como os efêmeros prazeres de criticar são pagos a um caro preço.

Um quinto método de transmutação das energias combativas é a “*interiorização*” ou “*subjetivação*”. E, isto é, na sua maior parte uma forma de *sublimação*. Em qualquer medida, isto acontece como aponte também nos esportes, nos quais uma parte das energias combativas é usada contra outras tendências e relutâncias do sujeito e não só a preguiça e o medo, mas também a mesma impulsividade, a mania de vencer que tenderiam fazer violar as regras do jogo, portanto a penalidade e a desclassificação.

Mas a interiorização plena e superior se tem quando a luta é levada consciente e deliberadamente entre o nosso espírito mediante uma ação psicagógica contra as nossas tendências inferiores, egoístas, antissociais. Mas também nestas lutas, ainda que nobres, devemos estar em alerta contra o uso de métodos errôneos, como o da repressão violenta, e usar, ao contrário, o da verdadeira sublimação. A autocondenação pode ser nociva porque exercitada contra algo que no fundo não é o nosso verdadeiro ser, mas é formado de energias, tendências que têm sua justificativa natural. Trata-se de transmutar, por exemplo, o amor egoísta e possessivo em amor generoso e benéfico, o passional em amor espiritual, a ambição em propósito de elevação espiritual, o orgulho em dignidade, o criticismo em juízo e discriminação objetiva serena.

É bom explicitar que não criticar não quer dizer *não ver* as deficiências dos outros, não é otimismo cego, não é ingenuidade; todos têm deficiências, ninguém é perfeito, e é correto fazer uma avaliação objetiva dos outros. Mas, uma coisa é “avaliar”, reconhecer serenamente e também benevolentemente as deficiências, outra é irritar-se e criticar a pessoa, como se fosse culpada de não ser perfeita. Isto acontece principalmente quando em um primeiro momento temos “colocado sobre um pedestal” uma pessoa, a temos idealizada, a imaginamos de uma forma fictícia, “ideal”; naturalmente cedo ou tarde acontece a desilusão, o ídolo com os pés de barro cai despedaçado; e então, criticamos aquela pessoa porque não é como acreditávamos e queríamos que fosse. Estes erros podem e devem ser evitados, vendo claramente do princípio ao fim as deficiências da pessoa, mas *sem criticá-las*. Tal erro era cometido – principalmente no passado – por muitos filhos em relação aos pais; antes os idealizavam, depois descobriam que eram “humanos”, muito humanos e, então, se revoltavam. O mesmo acontece no amor sentimental; no começo o objeto do amor é perfeito, depois se descobre que não o tem inteiramente e então o amor se transforma em aversão. É necessário, portanto considerar objetivamente, realisticamente os outros como são e aceitá-los com benevolência, aliás, generosamente, com todos os

seus defeitos, sabendo que nós também os temos talvez maiores, ainda que diferentes.

Um sexto modo de transmutação e de sublimação das energias combativas é a *ampliação* e a *utilização social*. Aqui, as naturezas fortes, corajosas, ricas de energias combativas, têm um vasto e nobre campo de ação nas lutas para o bem coletivo contra as muitas vergonhas e injustiças sociais. Existem, por exemplo, a luta contra a prostituição e com esta entende dizer contra os aproveitadores dela e contra todos aqueles que desfrutam cinicamente da sexualidade com objetivos comerciais. Há toda uma pseudo-arte com a qual isto é feito. Mas se ousar dizê-la ou pior, procurar combatê-la, os interessados – e não só eles – rebelam-se em nome da “liberdade” da arte!

Existem em seguida as lutas contra os traficantes de drogas e contra toda forma de exploração e de injustiça individual e coletiva em todos os campos. Existem as lutas em favor das numerosas reformas que as novas condições de vida tornam úteis ou necessárias.

Um sétimo a *sublimação religiosa*. É interessante notar como nos textos sagrados são abundantes as expressões de caráter bélico usadas como símbolos espirituais. Sem falar dos Salmos que são plenos, recordarei como em São Paulo essas expressões são frequentes: ele fala de “exército” de “campo”, de “combate”, de “campanhas de armas”, de “prisioneiros”. Clemente de Alexandria fala de “falange”, de “generais”; desse modo, chegou-se à concepção da “Milícia de Cristo” formada por todos os fieis e da “Igreja militante”.

Interessantes e significativos são os casos individuais nos quais se podem seguir as várias etapas da transformação e sublimação das energias combativas; entre estas o mais característico é o de Santo Inácio de Loyola. Ele antes da conversão era um soldado, belo e vigoroso, que tinha muita elegância e estava decidido a seguir a carreira militar. Enquanto combatia na Cerco de Pamplona quebra uma perna e por vários meses se vê incapaz de desenvolver qualquer atividade. Para distrair-se teve o desejo de ler as igrejas *Amadigi*, obra cavalheiresca plena em descrições de batalhas; mas, ao contrário, deste livro lhe foram dados *As flores dos Santos* e a *Vida de Cristo*. Estes o abalaram profundamente e depois de uma fervorosa meditação e visão, ele sofreu uma completa transformação interna; renunciou os sonhos de glória mundana e decidiu dedicar-se inteiramente ao serviço de Deus, emulando as virtudes dos santos

que havia aprendido conhecer. Ele consagrou a sua transformação interna em março de 1522, com um ato simbólico, significativo, do nosso ponto de vista; isto é, por meio de uma vigília de armas em Monserrat, inspirada pelas regras da cavalaria, na qual ele pendura na capela suas armas por um breve intervalo de tempo – espada, adaga, boldrié – para sair revestido de “armas espirituais” – roupas de mendigo, saco de pano, cinto de corda, um bernal – e desse dia em diante foi um soldado e depois “general” combatendo pela glória de Deus. O próprio nome da ordem por ele fundada, *Companhia de Jesus*, foi tirado da vida militar.

Existem também movimentos religiosos modernos que adotaram uma terminologia militar. O primeiro é o religioso-filantrópico do *Exército da Salvação* que levou até ao exagero as formas e os métodos no campo da ação ético-religiosa. Um outro, mais discreto nesse sentido, é o movimento do *Rearmamento Moral*, que antes chamava-se *Grupos de Oxford*, promovido por Frank Buckmann, no qual há muito lugar para a inspiração, à guia interior, mas que desenvolve uma intensa ação social, trabalhando em equipes e em grupos que fazem das ‘campanhas’ armas materiais um rearmamento da consciência, luta para o bem.

Mas em relação a este modo de sublimação é necessário evitar uma ilusão. Nem sempre a energia combativa que afirma dedicar-se ao serviço de causas ideais é verdadeiramente sublimada. Por vezes, se trata de mascaramento, sob o qual as tendências agressivas se manifestam de formas sutis e refinadas, mas inspiradas por causas não menos pessoais e separativas. Podem ser chamadas “pseudosublimação” e, como tais, são consideradas todas as manifestações de intolerância, fanatismo, perseguição religiosa.

Terminarei com uma menção sobre algumas aplicações dos métodos de transmutação e sublimação das tendências agressivas e combativas.

Sobretudo na *psicoterapia*. A investigação psicanalítica dos doentes neuropsíquicos tem demonstrado como muito dos seus distúrbios são produzidos por aquelas tendências. Os modos nos quais isto acontece são diversos. Em alguns casos, e são frequentes, a agressividade mais ou menos consciente do doente em direção aos outros, o induz a acreditar que são eles a ter sentimentos hostis contra ele, a procurar prejudicá-lo com atos ou pensamentos malévolos. Esta é uma “projeção” psicológica e também uma autojustificação; pode chegar a produzir uma verdadeira mania de perseguição. Em outros casos, os impulsos são condenados pelo sujeito e reprimidos

no inconsciente produzindo um complexo de culpa, distúrbios psicossomáticos, medo de não conseguir se deter e, portanto, fobias e várias estruturas neuróticas de defesa. O tratamento consiste em fazer com que o paciente tome consciência de tudo isto, e depois, dar-lhe condições de “descarregar” as energias agressivas. Isto acontece acima de tudo na relação com o médico, o qual aceita ser o alvo daquelas energias sem reagir, mas explicando ao paciente o que está fazendo, num primeiro momento. O mesmo pode ser realizado na “psicoterapia de grupo” e no “psicodrama” (Moreno). Mas pode-se fazer mais e melhor: pode-se induzir o paciente a descarregar aquelas energias em atividades físicas adaptadas (a ginástica e vários esportes se prestam a isto) ou a transmutá-las e usá-las nos modos úteis já indicados e em outros.

O mesmo vale em relação à *educação*. Aqui, aliás, o uso destes métodos tem um maior alcance geral, e também se tornou necessário tanto pelas leis da evolução da criança quanto às particulares condições da vida moderna. Também no desenvolvimento psíquico, a ontogênese repete a filogênese; ou seja, como o embrião humano repete rapidamente em poucos meses os estágios evolutivos pré-humanos (por exemplo, em um dado momento formam-se as brânquias), assim a criança e depois o adolescente devem percorrer os vários estágios de desenvolvimento psíquico atravessados pela humanidade, do seu nível primitivo ao atual. A ignorância ou a indiferença desta “lei e recapitulação” é fonte de atividade e de aprendizagem inadequadas ao estágio evolutivo dos filhos ou dos alunos. Os métodos novos de educação, baseados na espontaneidade, na atividade, na autonomia, modificaram e vão modificando os métodos coercitivos e repressivos que imperavam nas famílias e nas escolas; mas há ainda muito a mudar e a renovar neste campo. Por outro lado, as condições da vida nas cidades são desfavoráveis. A criança tem necessidade de estar em contato com a natureza: a terra, plantas, animais; tem necessidade de se mover, de fazer barulho e nas casas modernas não podem fazê-lo. Os urbanistas e os planejadores deverão se dar conta; estão começando a fazê-lo, mas ainda é insuficiente.

Quanto às organizações escolares estão ainda muito antiquadas, principalmente nas escolas médias. Os efeitos que elas produzem – temos a sinceridade e a coragem de dizê-lo – é que nessas escolas, grande parte das energias combativas é atribuída aos professores e contra os programas. Nas aulas há uma luta dissimulada ou aberta entre os alunos e os professores; os estudantes sofrem estremecendo em ter que guardar na memória um excessivo volume de coisas estranhas aos seus interesses vitais; por

isso, procuram fazer o mínimo necessário para passar e depois não se recuperam mais. É necessária uma reforma verdadeiramente radical, revolucionária. Na verdade, pensando nas quantias incalculáveis de energias psíquicas assim desperdiçadas, a nossa luta é despertada!

Na vida social e política, nacional e internacional, seria necessário que os dirigentes sentissem a tremenda responsabilidade que eles assumem quando suscitam e alimentam como muitas vezes fazem as já exuberantes tendências combativas dos homens. Eles apresentam a imagem de um “líder expiatório”, de um amigo externo, para evitar que as energias combativas dos cidadãos se voltem contra eles. Ao contrário, deveremos canalizá-las e utilizá-las – como é possível fazer e, como é feito já em alguma medida, em alguns casos – em objetivos construtivos.

Concluindo, existe uma grandiosa obra de renovação a desenvolver em todos os campos da vida humana. É uma obra de eliminação e transformação de velhas formas mentais e institucionais, de velhos métodos, para criar uma nova civilização e uma nova cultura, correspondente às profundas mudanças nas condições psicológicas e externas atuais. Enorme é, portanto, o campo, inumeráveis são as ocasiões para empregar de modo útil energias combativas individuais e coletivas. Todos em alguma medida podem participar desta grande mobilização das energias dinâmicas da humanidade em direção a objetivos construtivos e criativos. Assim, e só assim, se poderá impedir que as forças poderosas explodam em guerras ou em lutas sociais destrutivas. Ao contrário, a mobilização poderá tornar mais seguro e rápido o sucesso da tentativa que é agora feita pelos homens de mente iluminada, de coração generoso, de boa vontade, para unir todos, em um harmônico organismo planetário, para criar uma síntese mundial, para realizar uma nova e superior civilização verdadeiramente *humana*.